

Serie 4.^a *

L I T E R A T U R A
BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO

* Vol. 18

MONTEIRO LOBATO



URUPÊS

outros contos e coisas



“Edição Onibus”, comemorativa do 25.º aniversário da estréia do escritor, contendo a matéria de Urupês, Cidades mortas, Negrinha, O macaco que se fez homem, Os últimos contos, excertos de outros livros e avulsos.



ORGANIZADA E PREFACIADA

POR

ARTUR NEVES



1943

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Bahia — Recife — Porto Alegre



O engraçado arrependido

Francisco Teixeira de Souza Pontes, galho bastardo d'uns Souza Pontes de trinta mil arrobas afazendados no Barreiro, só aos trinta e dois anos de idade entrou a pensar seriamente na vida.

Como fosse de natural engraçado, vivera até ali à conta da veia comica, e com ela amanhara casa, mesa, vestuario e o mais. Sua moeda corrente eram micagens, pilherias, anedotas de inglês e tudo quanto bole com os musculos faciais do animal que ri, vulgo homem, repuxando risos ou matracolejando gargalhadas.

Sabia de cor a *Enciclopedia do Riso e da Galhofa*, de Fuão Pechincha, o autor mais dessaborido que Deus botou no mundo; mas era tal a arte do Pontes, que as sensaborias mais relamborias ganhavam em sua boca um chiste raro, de fazer os ouvintes babarem de puro gozo.

Para arremedar gente ou bicho, era um genio. A gama inteira das vozes do cachorro, da acuação aos caitetés ao uivo à lua, e o mais, rosnado ou latido, assumia em sua boca perfeibilidade capaz de iludir aos proprios cães — e à lua.

Tambem grunhia de porco, cacarejava de galinha, coaxava de untanha, ralhava de mulher velha, choramingava de fedelho, silenciava de deputado governista ou perorava de patriota em sacada. Que vozeio de bipede ou quadrupede não copiava ele às maravilhas, quando tinha pela frente um auditorio predisposto?

Descia outras vezes à prehistoria. Como fosse d'algumas luzes, quando os ouvintes não eram pecos reconstituia os vozeirões paleontologicos dos bichos extintos — roncos de mastodontes ou berros de mamutes ao avistarem-se com peludos "homos" repimpados em fétos arboreos — coisa muito de rir e divulgar a ciencia do sr. Barros Barreto.

Na rua, se pilhava um magote de amigos parados à esquina, aproximava-se de mansinho e — *nhoc!* — arremessava um bote de munheca à barriga da perna mais a jeito. Era de ver o pinote assustado e o — *passa!* nervoso do incauto, e logo em

seguida as risadas sem fim dos outros, e a do Pontes, que gargalhava d'um modo todo seu, estrepitoso e musical — musica d'Offenbach.

Pontes ria parodiando o riso normal e espontaneo da criatura humana, unica que ri além da raposa bebedea; e estacava de golpe, sem transição, caindo n'um sério de irresistivel comico.

Em todos os gestos e modos, como no andar, no ler, no comer, nas ações mais triviais da vida, o raio do homem diferenciava-se dos demais no sentido de amoleca-las prodigiosamente. E chegou a ponto que escusava abrir a boca ou esboçar um gesto para que se torcesse em risos a humanidade. Bastava sua presença. Mal o avistavam, já as caras refluíam; se fazia um gesto, espirravam risos; se abria a boca, espigaitavam-se uns, outros afrouxavam os côses, terceiros desabotoavam os coletes. E se entreabria o bico, Nossa Senhora! eram casealhadas, eram rinchavelhos, eram guinchos, engasgos, funções e asfixias tremendas.

— É da pele, este Pontes!

— Basta, homem, você me afoga!

É caso o pandego se inocentava, com cara palerma:

— Mas que estou fazendo? Se nem abri a boca...

— Quá, quá, quá! — a companhia inteira, desmandibulada, chorava no espasmo supremo dos risos incoercíveis.

Com o correr do tempo não foi preciso mais que seu nome para deflagrar a hilaridade. Pronunciando alguém a palavra "Pontes", acendia-se logo o estopim das fungadelas pelas quais o homem se alteia acima da animalidade que não ri.

Assim viveu Pontes até a idade do Cristo, numa parabola risonha, a rir e fazer rir, sem pensar em nada sério — vida de filante que dá mômos em troca de jantares e paga continhas miudas com pilherias de truz.

Um negociante caloteado disse-lhe um dia entre frouxos de riso baboso:

— Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca.

Aquele recibo sem selo mortificou seu tanto ao nosso pandego; mas a conta subia a quinze mil réis — valia bem a pelotada. Entretanto, lá ficou a lembrança dela espetada como alfinete na almofadinha do amor proprio. Depois vieram outros, e outros, estes fincados de leve, aqueles até à cabeça.

Tudo cansa. Farto de tal vida, entrou o hilarião a sonhar as delicias de ser tomado a sério, falar e ser ouvido sem repuxo de musculos faciais, gesticular sem promover a quebra da compostura humana, atravessar uma rua sem pressentir na peugada um côro de — “Lá vem o Pontes!” em tom de quem se espreme na contensão do riso ou se ajeita para uma barrigada das boas.

Reagindo, tentou Pontes a seriedade.

Desastre.

Pontes sério mudava de tecla, caía no humorismo inglês. Se antes divertira como o Clown, passava agora a divertir como o Tony.

O estrondoso exito do que a toda a gente se afigurou uma faceta nova da sua veia comica, verteu mais sombras na alma do engraçado arrependido. Era certo que não poderia traçar outro caminho na vida além daquele, ora odioso? Palhaço, então, eternamente palhaço à força?

Mas a vida de um homem feito tem exigencias sisudas, impõe gravidade e até casmurrice dispensaveis nos anos verdes. O cargo mais modesto da administração, uma simples vereança, requer na cara a imobilidade da idiotia que não ri. Não se concebe vereador risonho. Falta ao dito de Rabelais uma exclusão: o riso é proprio à especie humana, fóra o vereador.

Com o dobrar dos anos a reflexão amadureceu, o brio cristalizou-se, e os jantares cavados deram a saber-lhe a azedo. A moeda pilheria tornou-se-lhe dura ao cunho; já a não fundia com a freseura antiga; já usava dela como expediente de vida, não por folgança despreocupada, como outróra. Comparava-se mentalmente a um palhaço de circo, velho e achacoso, a quem a miseria obriga a transformar reumatismo em caretas hilares como as quer o publico pagante.

Entrou de fugir dos homens e despendeu bons meses no estudo da transição necessaria ao conseguimento de um emprego honesto. Pensou no balcão, na industria, na feitoria d’uma fazenda, na montagem d’um botequim — que tudo era preferivel à paspalhice comica de até ali.

Um dia, bem maturados os planos, resolveu mudar de vida. Foi a um negociante amigo e sinceramente lhe expôs os propositos regeneradores, pedindo por fim um lugar na casa, de varredor que fosse. Mal acabou a exposição, o galego e os que espiavam de longe à espera do desfecho torceram-se em estrondoso gargalhar, como sob cocegas.

— Esta é boa! É de primeirissima! Quá! quá! quá! Com que então... Quá! quá! quá! Você me arruina os figados, homem! Se é pela continha dos cigarros, vá embora que me dou por bem pago! Este Pontes tem cada uma...

E a caixeirada, os fregueses, os sapos de balcão e até pas-santes que pararam na calçada para “aproveitar o espirito”, desbocaram-se em *quás* de matraca até lhe doerem os dia-fragmas.

Atarantado e seriissimo, Pontes tentou desfazer o engano.

— Falo sério, e o senhor não tem o direito de rir-se. Pelo amor de Deus não zombe de um pobre homem que pede trabalho e não gargalhadas.

O negociante desabotoou o cós da calça.

— Fala sério, pff! Quá! quá! quá! Olhe Pontes, você...

Pontes largou-o em meio da frase, e se foi com a alma atenazada entre o desespero e a colera. Era demais. A sociedade o repelia, então? Impunha-lhe uma comicidade eterna?

Correu outros balcões, explicou-se como melhor pôde, implorou. Mas por voz unanime o caso foi julgado como uma das melhores pilherias do “incorrigivel” — e muita gente o comentou com a observação do costume:

— Não se emenda o raio do rapaz! E olhem que já não é criança...

Barrado no comercio, voltou-se para a lavoura. Procurou um velho fazendeiro que despedira o feitor e expôs-lhe o seu caso.

Depois de ouvir-lhe atentamente as alegações, conclusas com o pedido do lugar de capataz, o coronel explodiu num ataque de hilaridade.

— O Pontes capataz! Ih! Ih! Ih!

— Mas...

— Deixe-me rir, homem, que cá na roça isto é raro. Ih! Ih! Ih! É muito boa! Eu sempre digo: graça como o Pontes, ninguém!

E berrando para dentro:

— Maricota, venha ouvir esta do Pontes. Ih! Ih! Ih!

Nesse dia o infeliz engraçado chorou. Compreendeu que não se desfaz do pé p’r’a mão o que levou anos a cristalizar-se. A sua reputação de pandego, de impagavel, de monumental, de homem do chifre furado ou da pele, estava construida com muito boa cal e rijo cimento para que assim esboroasse de chofre.

Urgia, entretanto, mudar de tecla, e Pontes voltou as vistas para o Estado, patrão comodo e unico possivel nas circunstancias, porque abstrato, porque não sabe rir nem conhece de perto as celulas que o compõem. Esse patrão, só ele, o tomaria a sério — o caminho da salvação, pois, embicava por ali.

Estudou a possibilidade da agencia do correio, dos tabellionatos, das coletorias e do resto. Bem ponderados os prós e contras, os trunfos e naipes, fixou a escolha na coletoria federal, cujo ocupante, major Bentes, por avelhantado e cardiaco, era de crer não durasse muito. Seu aneurisma andava na berra publica, com rebentamento esperado a qualquer hora.

O az de Pontes era um parente do Rio, sujeito ricoço, em via de influenciar a politica no caso da realização de certa reviravolta no governo. Lá correu atrás dele e tantas fez para move-lo à sua pretensão que o parente o despediu com promessa formal.

— Vai sossegado, que em a coisa arrebitando por cá, e o teu coletor rebentando por lá, ninguem mais ha de rir-se de ti. Vai, e avisa-me da morte do homem sem esperar que esfrie o corpo.

Pontes voltou, radioso de esperança e pacientemente aguardou a sucessão dos fatos, com um olho na politica e outro no aneurisma salvador.

A crise veio afinal; cairam ministros, subiram outros e entre estes um politico negociista, socio do tal parente. Meio caminho era já andado. Restava apenas a segunda parte.

Infelizmente, a saude do major encruara, sem sinais patentes de declinio rapido. Seu aneurisma, na opinião dos medicos que matavam pela alopattia, era coisa grave, de estourar ao menor esforço; mas o precavido velho não tinha pressa de ir-se para melhor, deixando uma vida onde os fados lhe chegavam tão fofo ninho, e lá engambelava a doença com um regimen ultra-metodico. Se o mataria um esforço violento, sossegassem, não faria tal esforço.

Ora, Pontes, mentalmente dono daquela sinecura, impaciencia-se com o equilibrio desequilibrador dos seus calculos. Como desembaraçar o caminho daquela travanca? Leu no Chernoviz o capitulo dos aneurismas, decorou-o; andou em indagações de tudo quanto se dizia ou se escrevia a respeito; chegou a entender da materia mais que o doutor Iodureto, medico da terra, o qual, seja dito aqui à puridade, não entendia de coisa nenhuma desta vida.

O pomo da ciencia, assim comido, induziu-o à tentação de matar o homem, forçando-o a estourar. Um esforço o mataria? Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço!

— A gargalhada é um esforço, filosofava satanicamente de si para si. A gargalhada, portanto, mata. Ora, eu sei fazer rir...

Longos dias passou Pontes alheio ao mundo, em dialogo mental com a serpente.

— Crime? Não! Em que codigo fazer rir é crime? Se disse morresse o homem, culpa era da sua má aorta.

A cabeça do maroto virou picadeiro de luta, onde o "plano" se batia em duelo contra todas as objeções mandadas ao encontro pela consciencia. Servia de juiz a sua ambição amarga e Deus sabe quantas vezes tal juiz prevaricou, levado de escandalosa parcialidade por um dos contendores.

Como era de prever, a serpente venceu, e Pontes ressurgiu para o mundo um tanto mais magro, de olheiras cavadas, porém com um estranho brilho de resolução vitoriosa nos olhos. Tambem notaria nele o nervoso dos modos quem o observasse com argucia — mas a argucia não era virtude so-beja entre os seus conterraneos, além de que estados d'alma do Pontes eram coisa de somenos, porque o Pontes...

— Ora o Pontes!...

O futuro funcionario forgicou, então,meticulosos planos de campanha. Em primeiro era mister aproximar-se do major, homem recolhido consigo e pouco amigo de lérias; insinuar-se-lhe na intimidade; estudar suas venetas e cachacinhas até descobrir em que zona do corpo tinha ele o calcanhar d'Aquiles.

Começou frequentando com assiduidade a coletoria, sob pretextos varios, ora para selos, ora para informações sobre impostos, que tudo era ensejo de um parolar manhoso, habilissimo, calculado para combalir a rispidez do velho.

Tambem ia a negocios alheios, pagar cisas, extrair guias, coisinhas; fizera-se muito serviçal para os amigos que traziam negocios com a fazenda.

O major estranhou tanta assiduidade e disse-lho, mas Pontes escamoteou-se à interpelação montado numa pilheria de truz, e perseverou num bem calculado dar tempo ao tempo que fosse desbastando as arestas agressivas do cardiaco.

Dentro de dois meses já se habituara Bentes àquele se-relepe, como lhe chamava, o qual, em fim de contas, lhe parecia um bom moço, sincero, amigo de servir e sobretudo inofensivo... D'aí a lá em dia d'acumulo de serviço pedir-lhe

um obsequio, e depois outro, e terceiro, e te-lo afinal como especie de adido à repartição, foi um passo. Para certas comissões não havia outro. Que diligencia! Que finura! Que tato! Ralhando certa vez o escrevente, o major puxou aquela diplomacia como lembrete.

— Grande pasmado! Aprenda com o Pontes, que tem jeito para tudo e inda por cima tem graça.

Nesse dia convidou-o para jantar. Grande exultação na alma do Pontes! A fortaleza abria-lhe as portas.

Aquele jantar foi o inicio d'uma série em que o serelepe, agora factotum indispensavel, teve campo de primeira ordem para evoluções taticas.

O major Bentes, entretanto, possuia uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos ironicos. Pilheria que levava outros comensais a erguerem-se da mesa atabafando a boca nos guardanapos, encrespava apenas os seus labios. E se a graça não era de superfina agudeza, ele desmontava sem piedade o contador.

— Isso é velho, Pontes, já num almanaque Laemmert de 1850 me lembra de o ter lido.

Pontes sorria com ar vencido; mas lá por dentro consolava-se, dizendo, dos figados para o rim, que se não pegara d'aquela, d'outra pegaria.

Toda a sua sagacidade enfocava no fito de descobrir o fraco do major. Cada homem tem predileção por um certo genero de humorismo ou chalaça. Este morre por pilherias fesceninas de frades bojudos. Aquele péla-se pelo chiste bonacheirão da chacota germanica. Aquel'outro dá a vida pela pimenta gauleza. O brasileiro adora a chalaça onde se põe a nú a burrice tamancuda de galegos e ilheus.

Mas o major? Por que não ria à inglesa, nem à alemã, nem à francesa, nem à brasileira? Qual o seu genero?

Um trabalho sistematico de observação, com a metodia exclusão de generos já provados inefficientes, levou Pontes a descobrir a fraqueza do rijo adversario: o major lambia as unhas por casos de ingleses e frades. Era preciso, porém, que viessem juntos. Separados, negavam fogo. Exquisiteces de velho. Em surgindo *bifes* vermelhos, de capacete de cortiça, roupa enxadrezada, sapatões formidolosos e cachimbo, juntamente com frades redondos, namorados da pipa e da polpa feminina, lá abria o major a boca e interrompia o serviço da mastigação, como criança a quem acenam com cocada. E quando o lance comico chegava, ele ria com gosto,

abertamente, embora sem exagero capaz de lhe destruir o equilibrio sanguineo.

Com infinita paciencia, Pontes bancou nesse genero e não mais saiu dali. Aumentou o repertorio, a gradação do sal, a dose de malicia, e sistematicamente bombardeou a aorta do major com os produtos dessa habil manipulação.

Quando o caso era longo, porque o narrador o floria no intento de esconder o desfecho e realçar o efeito, o velho interessava-se vivamente, e nas pausas manhosas pedia esclarecimento ou continuação:

— “E o raio do bife?” “E daí?” “Mister John apitou?”

Embora tardasse a gargalhada fatal, o futuro coletor não desesperava, confiando no apologo da bilha que de tanto ir à fonte lá ficou. Não era mau o calculo. Tinha a psicologia por si — e teve tambem por si a quaresma.

Certa vez, findo o carnaval, reuniu o major os amigos em torno a uma enorme piabanha recheada, presente d'um colega. O entrudo desmazorrara a alma dos comensais, e a do anfitrião, que estava naquele dia contente de si e do mundo, como se houvera enxergado o passarinho verde. O cheiro vindo da cozinha, valendo por todos os aperitivos de garrafeira, punha nas caras um enternecimento estomacal.

Quando o peixe entrou, cintilaram os olhos do major. Pescado fino era com ele, inda mais cozido pela Gertrudes. E naquele brodio primara a Gertrudes num tempero que excedia às raias da culinaria e se guindava ao mais puro lirismo. Que peixe! Vatel o assinaria com a pená da impotencia molhada na tinta da inveja, disse o escrevente, sujeito lido em Brillat-Savarin e outros praxistas do paladar.

Entre goles de rica vinhaça a piabanha ia sendo introduzida nos estomagos com religiosa unção. Ninguem se atrevia a quebrar o silencio da bromatologica beatitude.

Pontes pressentiu oportuno o momento do golpe. Trazia engatilhado o caso dum inglês, sua mulher e dois frades barbadinhos, anedota que elaborara à custa da melhor materia cinzenta de seu cerebro, aperfeiçoando-a em longas noites de insonia. Já de dias a tinha de tocaia, aguardando sempre um momento em que tudo concorresse para obter dela o efeito maximo.

Era a derradeira esperanza do facinora, seu ultimo cartucho. Negasse fogo e, estava resolvido, metia duas balas nos miolos. Reconhecia impossivel manipular-se torpedo mais engenhoso. Se o aneurisma lhe resiste ao embate, então é que o aneurisma era uma potoca, a aorta uma fic-

ção, o Chernoviz um palavrorio, a medicina uma miseria, o doutor Iodureto uma cavalgada e ele, Pontes o mais chapado sensaborão ainda aquecido pelo sol — indigno, portanto, de viver.

Matutava assim o Pontes, negaceando com os olhos da psicologia a pobre vítima, quando o major veio ao seu encontro: pisceu o olho esquerdo — sinal de predisposição para ouvir.

— E' agora! pensou o bandido — e com infinita naturalidade, pegando como por acaso uma garrafinha de molho, pôs-se a ler o rotulo.

— *Perrins; Lea and Perrins*. Será parente daquele lord Perrins que bigodeou os dois frades barbadinhos?

Inebriado pelos amavios do peixe, o major alumiou um olho concupiscente, guloso de chulice.

— Dois barbadinhos e um lord! A patifaria deve ser marca X. P. T. O. Conta lá, serelepe.

E, mastigando maquinalmente, absorveu-se no caso fatal.

A anedota correu capciosa pelos fios naturais até às proximidades do desfecho, narrada com arte de mestre, segura e firme, num andamento estrategico onde havia genio. Do meio para o fim a maranha empolgou de tal fôrma o pobre velho que o pôs suspenso, de boca entreaberta, uma azeitona no garfo detida a meio caminho. Um ar de riso — riso parado, riso estopim, que não é senão o armar bote da gargalhada, iluminava-lhe o rosto.

Pontes vacilou. Presentiu o estouro da arteria. Por uns instantes a consciencia breçou-lhe a lingua, mas Pontes deu-lhe um pontapé e com voz firme puxou o gatilho.

O major Antonio Pereira da Silva Bentes desferiu a primeira gargalhada da sua vida, franca, estrondosa, de ouvir-se no fim da rua, gargalhada igual à de Teufelsdröck diante de João Paulo Richter. Primeira e ultima, entretanto, porque no meio dela os convivas, atonitos, viram-no cair de borce sobre o prato, ao tempo que uma onda de sangue avermelhava a toalha.

O assassino ergueu-se alucinado; aproveitando a confusão, esgueirou-se para a rua, qual outro Caim. Escondeu-se em casa, trancou-se no quarto, bateu dentes a noite inteira, souou gelado. Os menores rumores retranziam-no de pavor. Policia?

Semanas depois é que entrou a declinar aquele transtorno d'alma que toda gente levava à conta de magua pela morte do amigo. Não obstante, trazia sempre nos olhos a

mesma visão: o coletor de brucos no prato, golfando sangue, enquanto no ar ainda vibravam os écos da sua derradeira gargalhada.

E foi nesse deploravel estado que recebeu a carta do parente do Rio. Entre outras coisas dizia o az: "Como não me avisaste a tempo, conforme o combinado, só pelas folhas vim a saber da morte do Bentes. Fui ao ministro mas era tarde, já estava lavrada a nomeação do sucessor. A tua leviandade fez-te perder a melhor ocasião da vida. Guarda para teu governo este latim: *tarde venientibus ossa*, quem chega tarde só encontra os ossos — e sê mais esperto para o futuro".

Um mês depois descobriram-no pendente duma trave, com a lingua de fora, rigido.

Enforcara-se numa perna de ceroula.

Quando a noticia deu volta pela cidade, toda gente achou graça no caso. O galego do armazem comentou para os caixeiros:

— Vejam que criatura! Até morrendo fez chalaça. Enfocar-se na ceroula! Esta só mesmo do Pontes...

E reeditaram em côro meia duzia de "quás" — unico epitafio que lhe deu a sociedade.